

no fim da década?

Recuperação, Sonente

Os países endividados da América Latina só poderão pensar em começar a recuperar o poder aquisitivo a partir do fim do atual decênio. Essa é a constatação de Fred Bergsten, diretor do International Institute of Economics e ex-secretário adjunto do Tesouro dos Estados Unidos. Ele participou em Paris de um debate sobre os riscos de falência financeira mundial com o futuro presidente da comissão europeia, Jacques Delors.

O terceiro convidado desse grande debate, assistido por cerca de 300 industriais e financistas europeus nos salões do Hotel Intercontinental, foi o ministro Delfim Neto, que à última hora enviou um telegrama aos organizadores para justificar a impossibilidade de comparecer.

Fred Bergsten considera a situação altamente preocupante do ponto de vista social e político, pois os países latino-americanos estão sendo obrigados a transferir seus recursos para os países industrializados, quando deveria ocorrer o inverso.

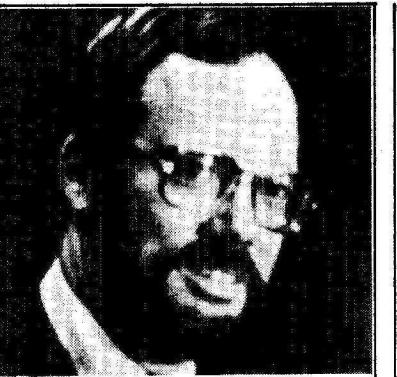
Ganhar tempo

O economista norte-americano reconhece que os riscos, a curto prazo, de um crash financeiro internacional estão superados, pois o objetivo principal do FMI foi alcançado, isto é, ganhar tempo para evitar moratórias e cessação de pagamentos até que os países em desenvolvimento pudessem beneficiar-se da retomada econômica mundial. Lembrou que resultados positivos puderam ser alcançados por três países latino-americanos, México, Brasil e Venezuela, que estavam registrando excesses comerciais significativos.

Citou a previsão de um superávit de US\$ 12 bilhões na balança comercial brasileira, um resultado que classificou como "espetacular". Tal resultado fez com que mudasse a posição inicial dos bancos comerciais, hoje dispostos a conceder novos créditos para esses países que terão condições de crescer novamente. Apenas a Argentina, segundo o ex-diretor adjunto do Tesouro norte-americano, pelo fato de ter hesitado muito antes de aceitar o programa de ajustamentos do FMI, corre o risco de ficar isolado desse processo, razão pela qual é o único país do Continente cujo futuro ainda gera incertezas.

No momento em que o México assina um acordo exemplar, que está servindo de base para o acordo que será negociado com o Brasil nos próximos meses, a Argentina — diz Bergsten — poderá permanecer em quarentena.

Lembrou que esteve no Brasil há um ano e, na ocasião, todos os setores políticos e financeiros fala-



É a previsão de Fred Bergsten, ex-secretário do governo dos EUA. Ele defende maior apoio aos países pobres.

vam de moratória e cessação de pagamentos. Há um mês, voltou ao País, onde passou quatro dias, e constatou que ninguém mais fala desses dois fantasmas, em razão dos progressos, que foram importantes.

Incertezas

Mas, a seu ver, tudo isso foi possível graças à retomada econômica mundial, principalmente a dos Estados Unidos. Perguntado sobre se a retomada vai prosseguir, Bergsten disse que tudo é ainda incerto, constatando uma certa redução no ritmo de crescimento da economia norte-americana. A combinação do déficit orçamentário norte-americano e a supervalorização do dólar constitui, a seus olhos, uma fonte de incertezas para o futuro. Ele prega uma nova e vigorosa política econômica para os Estados Unidos, que permita reduzir o déficit orçamentário, as taxas de juros e a correção da taxa de câmbio atual.

Outro aspecto destacado e que precisa ser combatido diz respeito às políticas protecionistas implantadas atualmente. Fred Bergsten considera ser totalmente impossível para os países em desenvolvimento mais endividados cumprirem seus compromissos externos, isto é, o pagamento de suas dívidas, se os países industrializados não importarem seus produtos. Tanto os Estados Unidos como a CEE estão adotando medidas que criam sérios entraves ao comércio mundial. No caso norte-americano, nunca uma administração adotou tantas medidas nesse sentido como a atual. Essa atitude tem uma incidência grave sobre a dívida dos países latino-americanos.

Ele prevê ainda, segundo estudos do International Institute of

Economics, do qual é diretor, que a dívida dos Estados Unidos será nos próximos anos mais importante que a do conjunto dos outros países do mundo. Esse é o risco maior que observa, pois tal situação terá consequências para a economia do resto do mundo.

Indiferença

Jacques Delors, futuro presidente da comissão europeia, quando de sua intervenção, concordou praticamente com todos os comentários emitidos por Fred Bergsten, definindo-o como um dos poucos norte-americanos, hoje em dia, com quem se pode dialogar. Delors preferiu criticar a política norte-americana por sua indiferença em relação aos demais países ocidentais, principalmente os europeus. A seu ver, quando os Estados Unidos adotam uma medida doméstica, não medem as consequências que ela terá sobre os demais países. Reconhecendo o dinamismo da economia norte-americana, lembrou que, como ela desempenha um papel de liderança no chamado "mundo livre", deve, exatamente por ser líder, assumir suas responsabilidades e não apenas ter direitos.

O ex-ministro francês considera que alguns países, principalmente os da América Latina, aproveitaram o dinamismo da economia norte-americana para resolver seus problemas mais urgentes. Mas chama a atenção para o esforço exigido, que ainda pode provocar graves conflitos sociais e políticos. "Até hoje isso não ocorreu porque os países industrializados e as instituições internacionais serviram de bombeiros durante a crise. As condições impostas a esses países pelo Fundo Monetário são tais que não afastaram as nuvens que pesam sobre os países no período entre 1987 e 1990."

Citou o exemplo do Clube dos Doadores, além da operação de ajustamento através do Clube de Paris, bancos comerciais e FMI. Se um dia deixar de haver boa vontade do Clube dos Doadores para um determinado país endividado, raciocina, todo o esforço anterior estará comprometido. Além disso, defende a necessidade de uma substancial melhoria nas estruturas dos países em desenvolvimento mais endividados.

Finalizando, Jacques Delors criticou o relacionamento atual, no plano econômico, da administração norte-americana com os países europeus, lembrando que Washington é totalmente insensível aos problemas da Europa: "A aliança do chamado mundo livre não deve limitar-se ao plano diplomático e militar, mas estender-se também ao econômico".

Reali Jr., de Paris